

# INCONSCIENTE E TRANSMISSÃO

“O que é o inconsciente? A coisa ainda não foi compreendida”.

J. Lacan. O desprezo do sujeito suposto saber.

Instituto Francês de Nápoles, 14/12/1967.

Se quisermos tentar transmitir a singularidade do inconsciente descoberto por Freud, não podemos esquecer que há uma contradição de estrutura, sinalizada em Freud e nomeada por Lacan, entre o desejo do qual o analista se encarrega, desejo enunciado como  $x$  por Lacan, e a resistência que não cessa de desencarregá-lo disso.

Nosso ponto de partida aí está, nessa clivagem própria a todo humano e, portanto, ao analista. Sua leitura dos textos de Freud e Lacan, sua prática e os procedimentos institucionais em que ele se engaja podem levar o analista **tanto** a oscilar entre um dentro bom que hospeda os verdadeiros significados e a um fora mau em que ele rejeita os falsos significados quanto a tornar-se bom entendedor do inconsciente freudiano. Mas o que será que esse último significa?

A partir do chiste descrito por Freud, Lacan desenvolve uma dialética do inconsciente na transferência no nível de uma nodulação fora do pensamento entre o Outro e o sujeito, segundo uma temporalidade até então inédita que transmuta a dualidade do eu que fala e do outro. É por esta abertura que abordamos a porta dos avanços lacanianos do inconsciente freudiano onde teremos de desenvolver tanto os limites dos enunciados de Freud como significados do mestre quanto o campo ilimitado da significância que não pertence a ninguém, posto que ele se manifesta.

## Ao bom entendedor, saudações...

Ao pensar que o real está no campo do visível, o ouvinte regido pelo mestre intelectual que é o eu, não pode senão estar alienado na oscilação acima citada. Persuadido de que não pode recolocá-lo em seu lugar, como todas as coisas, quando é surpreendido, ele o separa do significante que tem a seu encargo: o que Freud nomeia recalçamento. O que ele não pode saber é que o real não pode tomar lugar porque não é possível lhe fazer um lugar. O que ele não sabe é que é ele próprio que o real desloca.

O bom entendedor não se esqueceu <sup>(1)</sup> disso. Ele descobriu isso na transferência quando o deslocamento regido pela metonímia foi de repente suspenso. Afetado pelo real do objeto ou do significante, ele sabe, depois, que sua virulência é promessa de “por-vir” pois que ele retorna para ser simbolizado. Como analisando, não esqueceu <sup>(1)</sup> que no ponto em que o Outro não responde mais, escrito por meio de uma barra, A (A, barrado), atormentado pelo vazio da solidão, ele não fica sem resposta porque pode também, nesse momento, como sujeito, produzir um significante asemântico, à parte do significado, se um passador, numa temporalidade paradoxal, lhe transmitir a chave da metáfora paterna que lhe dará acesso a este novo mundo, o da significância.

Antes de ter encontrado essa experiência de castração do Outro, ele não sabia que estava limitado pelo seu eu que o aprisionava nas fronteiras do princípio do prazer e de desprazer. Era impensável para ele que esse fugitivo que é a significância pudesse

---

<sup>(1)</sup> Trata-se de um ato, aquele da impossibilidade de esquecer que concerne ao recalque originário e não do esquecimento de qualquer coisa.

habitá-lo e que ele a habita. Como será que podem essas proposições lacanianas se entender com o inconsciente postulado por Freud?

## O inconsciente freudiano, um saber radicalmente Outro

Ao enunciar a clivagem “por um ato de vontade” <sup>(1)</sup> na origem dos sintomas, Freud enuncia-se a si mesmo como entendedor clivado entre um dentro, o aceitável, e um fora, o rejeitado: é “o instante de ver”, primeiro tempo de um sujeito que ousa avançar sozinho, fora do domínio dos estados de consciência hipnóide de Breuer, mas dentro dos limites imaginários do campo da consciência sempre partida em dois.

“O tempo de compreender” lhe sucede. É o tempo em que ele está no caminho da direção do recalque que, por ser intencional, se revela em seguida produzido por meios indiretos controlados pelo eu. Os sintomas são sua obra. O recalco, inconsciente constituído como memória, corresponde às lembranças, representações e seus afetos, que a abreação pode fazer desaparecer, primeiramente, pela hipnose; pela concentração e por associações dirigidas, em seguida. Mas há um enigmático “corpo estranho” <sup>(2)</sup>, porque ele não poder ser eliminado... Freud não previu esse território encravado em outro, mas não recuou. Ele se tornará o núcleo patogênico <sup>(3)</sup>, estritamente consciente no sentido de inacessível, feito de representações ou processos de pensamento e envolto numa quantidade de outro material mnésico organizado em três camadas que o trabalho psicanalítico deve reencontrar. Esse núcleo corresponderá, na *metapsicologia* de 1915, ao recalque originário, ao passo que o material acessível à consciência pelo levantamento do recalque secundário emerge do recalque secundário na origem dos sintomas.

O inconsciente é, pois, pensado por Freud como um saber radicalmente Outro, devido ao fato de o eu não saber, logo de saída, de estritamente nada. Ele distingue-se pelas formações de compromisso, no pré-consciente. *A Interpretação dos sonhos*, em 1900, define seu lugar tópico onde a cadeia significativa inconsciente obedece às duas leis da linguagem, que são a condensação e o deslocamento. A linguagem é a condição do inconsciente freudiano.

Mas Freud não terminou com esse “estranho”. Em 1920, no capítulo III de “Além do princípio do prazer”, retorna ao que escreveu, forçado pela compulsão à repetição, específica do material inconsciente que se opõe, como as resistências, ao tornar-se consciente do inconsciente. Se Freud está sempre dentro de uma lógica binária onde o eu conduz o baile, ele se lança também em Outro Lugar, já que “subsiste um resíduo suficiente para justificar a hipótese da compulsão à repetição que nos aparece como mais originária, mais elementar, mais pulsional que o princípio do prazer que ela descarta” <sup>(4)</sup>. Será necessário esperar o fim de sua proposta para que não se descarregue mais sobre a dualidade que lhe fez dizer que o objetivo da análise é tornar consciente o inconsciente: nesse “momento de concluir”, ele se encarrega deste resto que, pela repetição, não cessa de insistir. Com essa nova aposta de mais além do princípio do prazer, voltamos ao ponto de partida.

(1) S. Freud, “Les psychonévroses de défense” in *Névrose, psychose et perversion*. P.U.F., 1973, p.2.

(2) S. Freud, “Communication préliminaire” in *Études sur l’hystérie*, P.U.F., 1973, p.4.

(3) S. Freud, “Psychothérapie de l’hystérie” in *Études sur l’hystérie*, P.U.F., 1973, pp. 233-234.

(4) S. Freud, “Au-delà du principe du plaisir” in *Essais de psychanalyse*. Payot, 1981, pp. 63-63.

## O chamado “de uma ignorância fecunda”

Em 1892, Freud estava escrevendo, com Breuer, a *Comunicação preliminar*, onde dá conta do *mecanismo psíquico de fenômenos histéricos*. Ao mesmo tempo, pergunta-se sobre a causa dos sintomas de uma governanta inglesa de uns trinta anos de idade, Lucy R... Sem satisfazer-se com a idéia de um conflito imaginário entre o desejo de ficar para cuidar das crianças que a mãe delas lhe confiou em seu leito de morte e o de rever a sua mãe, Freud associa sua ligação às crianças e o ressentimento em relação às outras pessoas da casa e encontra certa representação “intencionalmente recalcada do consciente e excluída da elaboração associativa”<sup>(1)</sup> na origem do sintoma.

Um único significado se lhe impõe: “eu suponho, acima de tudo, que você esteja apaixonada pelo seu patrão, o diretor, talvez sem que você mesma se dê conta disso...”. A resposta de Lucy R... foi rápida: “Sim, acredito que seja isso.” Atingido, Freud contra-ataca: “Mas já que você sabe que ama o diretor, por que não me disse?”

O que será que faz com que Freud abandone imediatamente sua atitude reservada imaginária? Será reação de puro prestígio em que seu eu, num instante de enfraquecimento, pede um acerto de contas? A celeridade significa mais provavelmente que é necessário cobrir rapidamente a falta de saber no Outro, A, desconhecido que ele encontra sem poder reconhecê-lo por meio do pensamento, como deixa supor na nota em que se mostra, mortificado com uma “cegueira dos não-cegos”.

O que Freud não pode pensar e Lacan avança<sup>(2)</sup>, é que o primeiro se situa nos limites imaginários do saber tudo sobre a verdade, “saber com ascendência imaginária ... anti-saber, a saber, o anti-inconsciente ... cuja consistência se opõe à mudança”. O eu, mestre desse *prêt-à-penser*, acredita que pode aceder à verdade. Mas é impensável, para ele, que seja a verdade que aceda ao falante. Ele é totalmente surdo ao chamado de encontrar, no seio do já sabido, o ponto enigmático de onde advém um desejo causado pelo real e, desse fato, conduzido por esse mestre de exceção na direção do ainda não sabido. Sem poder se encarregar deste fugitivo que, entretanto, sua audácia percebe como não dependente do visível, ele se refugia num discurso que culpabiliza aquele que encontra um eco histórico, porque Lucy R..., como todo ser falante, endossou esta carga pesada herdada de seus ascendentes.

O que teria acontecido se ele houvesse podido não ser falado imediatamente pelo *non-dupe* [“não-tolo”], aquele que já sabe, o acusador que Freud nomeará mais tarde superego? Será que ele teria podido ser sensível à mensagem silenciosa das palavras de Lucy R...: “*Por que isso, eu já pensei nisso, para que continuar com isso?*” Será que para ela não interromper sua cura depois da reparação dos sintomas era preciso que Freud ouvisse o chamado de “uma ignorância”, proposta com “fecunda” por Lacan, em 12 de maio de 1955, dado que ela pode revelar a insistência do desejo?

Esta falta no saber do Outro, A, Freud reencontrará alguns anos mais tarde em *A interpretação dos sonhos* no ponto em que cessam as associações do sonhador, umbigo nomeado *unerkannt*... Freud não sabia já tê-lo entrevisto, sem poder pensá-lo, nesta mesma data de 1892, com o trauma na origem dos sintomas histéricos.

<sup>(1)</sup> S. Freud, “Communication préliminaire” in *Études sur l’hystérie*, P.U.F., 1973, p. 91.

<sup>(2)</sup> J. Lacan, “L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre”, Séminaire du 15.02.1977.

## A experiência do discurso

Definido como uma situação na qual o ser falante não pôde “descarregar” uma quantidade de afetos a serem “abreagidos”<sup>(1)</sup>, o traumatismo tem uma faceta positiva. Para ilustrá-lo, se considera uma agressão em que um sujeito, ofendido, não pode reagir: o que os autores descrevem como mortificação (*kränkung*) deve se situar no lado subjetivo.

Mas será que essa clivagem, objetivável dado que entra no campo do visível, não poderá ser recebida como uma autêntica subjetivação? Isso pressupõe que o entendedor não seja senão um eu clivado entre um dentro e um fora, já que pode surgir como sujeito “dividido segundo uma continuidade que faz dele um receptor do Outro, que tem de se transmutar em emissor para o Outro”, segundo a formulação de Didier-Weill<sup>(2)</sup>, ao comentar a inversão proposta por Lacan: “o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob a forma inversa”. Portanto, o que será que acontecerá se, com ele, recebemos este dado freudiano do trauma como experiência de discurso e não como realidade energética mensurável na qual o efeito permanece “bloqueado”?

O trauma representa o primeiro tempo, visto que o falante está fixado pela insistência do real, momento de *fading* evocável como mortificação no sentido da morte do eu. A aposta da transferência na sua relação com o inconsciente está lá, na medida em que este primeiro tempo preside o tempo seguinte, aquele em que a voz como pulsão “a mais próxima experiência do inconsciente”<sup>(3)</sup>, compele à vida do sujeito do inconsciente que surge num terceiro tempo, pondo em continuidade, por ele mesmo, a pulsão de vida e a pulsão de morte e, assim, transcendendo o dualismo freudiano. Freud transmitiu essa temporalidade a partir do chiste. Por que será que não a integrou na teoria da transferência?

## O estranho passador do inconsciente

Tentei transmitir que a dialética do inconsciente intervinha em resposta ao encontro da falta de saber no Outro, A. Se este primeiro tempo o inaugura, é porque o ainda-não-simbolizado, uma outra forma de dar nome ao real que insiste, faz dele apelo ao significante dos significantes, o significante do Nome-do-Pai, nomeado por Lacan a partir do texto freudiano e afirmando que há o significante, S, sobre o fundo de uma falta de significante no campo do Outro, A. Este significante, estrangeiro porque não faz parte dos significantes recalçados, mas, ao mesmo tempo, não completamente estranho já que transmitido pela língua dos ascendentes, não deixa de evocar tanto esse “estranho” que Freud encontra na origem do inconsciente quanto esse estranho passador S(A), a quem se deve todo avanço.

<sup>(1)</sup> S. Freud, “Communication préliminaire” in *Études sur l’hystérie*, P.U.F., 1973, pp.1-13.

<sup>(2)</sup> A. Didier-Weill, “Pour un lieu d’insistence”, novembre, 1997.

<sup>(3)</sup> J. Lacan, *Séminaire XI*, Paris, Seuil, 1976, p. 96.

